



# ANNIE ERNAUX

## OS ANOS



Annie Ernaux

OS ANOS

*tradução de*  
Maria Etelvina Santos

LIVROS DO BRASIL

É uma fotografia sépia, oval, colada no interior de um cartão dobrado com uma cercadura dourada, protegida com uma folha de papel gravado, transparente. Em baixo, *Photo-Moderne, Ridel, Lillebonne (S.Inf.re)*. Tel. 80. Um bebé gordo, com boca de quem está a fazer birra, cabelo castanho a formar um caracol no alto da cabeça, sentado meio nu sobre uma almofada em cima de uma mesa de madeira trabalhada. O cenário com nuvens, o florão da mesa, a camisa bordada, levantada na barriga — a mão do bebé a tapar o sexo —, a alça do ombro descaída sobre o braço rechonchudo parecem querer representar um cupido ou anjinho saído de uma pintura. Cada membro da família deve ter recebido uma cópia e tentado perceber imediatamente com que lado da família se parecia a criança. Neste conjunto de arquivos familiares — que deve datar de 1941 — é impossível não se reparar na encenação ritualizada do modo pequeno-burguês de entrar no mundo.

Uma outra fotografia, assinada pelo mesmo fotógrafo — mas o papel do cartão é mais vulgar e desapareceu a cercadura dourada —, certamente com a mesma intenção de ser distribuída pela família, mostra uma menina com cerca de quatro anos, muito séria, quase triste apesar da cara bonita e roliça sob os cabelos curtos, penteados com risca ao meio e puxados para trás com ganchos onde se prenderam laços que parecem borboletas. A mão esquerda está pousada em cima da mesma mesa trabalhada, agora completamente visível, estilo Luís XVI. Parece enchourçada no corpete, a saia de alças levantada à frente por causa da barriga protuberante, talvez sinal de raquitismo (cerca de 1944).

Outras duas fotografias pequenas com rebordo rendilhado, datadas provavelmente do mesmo ano, mostram a mesma criança, mas mais pequena, com um vestido de folhos e mangas de balão. Na primeira, está aninhada com ar traquinas de encontro a uma mulher de corpo posante, num vestido de peça inteira com riscas largas, os cabelos puxados para cima formando um grande rolo. Na outra, a criança tem a mão esquerda levantada, a direita segura pela mão de um homem, alto, de casaco claro e calças de pinças, com um ar descontraído. As duas fotos foram tiradas no mesmo dia em frente a um muro, em cima bordejado de flores, num pátio empedrado. Por cima das cabeças vê-se uma corda de roupa onde ficou presa uma mola.

Nos dias de festa depois da guerra, no remanso interminável das refeições, saía do nada e tomava forma o tempo vindo de longe, o mesmo que por vezes parecia imobilizar os pais quando se esqueciam de nos responder, fitando o nada de olhos vagos, o tempo em que ainda não existíamos, onde nunca existiremos, o tempo de outrora. As vozes enredadas dos convivas compunham a grande narrativa dos acontecimentos comuns, aos quais, com o tempo, acreditávamos ter assistido.

Nunca se cansariam de contar o inverno de 42, gelado, a fome e a couve-nabo, o abastecimento e as senhas de tabaco, os bombardeamentos a aurora boreal que tinha anunciado a guerra as bicicletas e as carroças nas ruas a caminho do Desastre, as lojas pilhadas os desalojados a vasculhar os escombros à procura das suas fotografias e do seu dinheiro a chegada dos Alemães — cada um situava precisamente *onde*, em que cidade —, os Ingleses sempre corretos, os Americanos descarados, os colaboracionistas, o vizinho na Resistência, a rapariga X de cabeça rapada depois da Libertação Le Havre arrasado, onde já não restava nada, o mercado negro a Propaganda

os Boches em fuga a atravessar o Sena em Caudebec em cima de cavalos exaustos

a camponesa que largou um grande peido num compartimento do comboio que ia cheio de Alemães e proclamou alto e bom som para toda a gente ouvir «se não vão perceber, pelo menos vão sentir o cheiro»

Sob cenários comuns de fome e de medo, tudo se contava sem individualizar dizendo «nós» ou «a gente».

Falavam de Pétain encolhendo os ombros, demasiado velho e já gagá quando o foram buscar à falta de melhor. Imitavam o voo e o ruído dos V2 às voltas no céu, mimetizavam o medo passado, com deliberações fingidas nos momentos mais dramáticos, *que hei de fazer?*, para manter a expectativa.

Era uma narrativa cheia de mortos e de violência, de destruições, contada com um júbilo tal que parecia querer desmentir, durante curtos intervalos, aquele «não se pode voltar a reviver isso», vibrante e solene, seguido de um silêncio, como uma chamada de atenção a uma instância obscura, o remorso depois do prazer.

Mas eles só falavam do que tinham visto, que se podia reviver enquanto se comia e bebia. Não tinham muito talento ou convicção para falar do que sabiam, mas que não tinham visto. Portanto, nem das crianças judaicas a entrar nos comboios para Auschwitz, nem dos que morriam de fome e eram recolhidos pela manhã no gueto de Varsóvia, nem dos 10 000 graus em Hiroshima. Por isso esta sensação que nem os cursos de história, os documentários e os filmes, mais tarde, puderam apagar: é que nem os fogos crematórios nem a bomba atómica pareciam estar situados na mesma época da manteiga no mercado negro, dos alertas e das corridas para os abrigos.

Eles detinham-se a fazer comparações com a guerra anterior, a Grande, a de 14, ganha, essa, com sangue e glória, uma guerra de homens que as mulheres sentadas à volta da mesa escutavam com respeito. Falavam das

batalhas de Chemin des Dames e de Verdun, dos gazeados, dos sinos no dia 11 de novembro de 1918. Diziam os nomes das aldeias onde de todos os filhos enviados para a frente nenhum lá voltara. Comparavam os soldados enfiados na lama das trincheiras aos prisioneiros de 40, aquecidos e protegidos durante cinco anos, que nem chegaram a levar com bombas em cima da cabeça. Discutiam acerca do heroísmo e da infelicidade.

Recuavam até aos tempos em que eles próprios ainda não existiam, a guerra da Crimeia, a de 1870, quando os parisienses tinham comido ratos.

Nessa narrativa de anos mais longínquos só havia guerras e fome.

Para terminar, cantavam *Ah le petit vin blanc* e *Fleur de Paris*, gritando as palavras do refrão *azul-branco-vermelho são as cores da pátria*, num coro ensurdecedor. Esticavam os braços e riam, aqui está mais um que os Boches não vão apanhar!

As crianças não prestavam atenção e despachavam-se para se levantarem da mesa assim que lhes davam autorização, aproveitando a bonomia geral dos dias de festa para se dedicarem aos jogos proibidos, dar pulos em cima das camas e andar de baloiço de cabeça para baixo. Mas retinham tudo. Comparado com aquele tempo cheio de histórias — cujos episódios ainda durante muito tempo não seriam capazes de enumerar, o Desastre, o Êxodo, a Ocupação, o Desembarque, a Vitória —, elas achavam aborrecido este tempo sem nome no qual estavam a crescer. Tinham pena de não ter nascido naquele outro tempo, ou perto dele, quando foi preciso ser alistado, partir por essas estradas e dormir em cima do feno como os boémios. Desse tempo não vivido guardariam sempre a vontade de um lamento. A memória dos outros ludibriava-as com uma nostalgia velada por essa época, que por tão pouco lhes tinha escapado, na esperança de a poderem viver um dia.

Da epopeia flamejante só restavam os traços cinzentos e mudos dos *bunkers* em cima das falésias, os blocos de pedra a perder de vista nas cidades. Objetos enferrujados, armações de camas de ferro em sucata retorcida saíam dos escombros. Os comerciantes, perdidas as lojas, instalavam-se em barracas provisórias à volta das ruínas. Granadas esquecidas pelas equipas de deteção de explosivos rebentavam na barriga dos miúdos que andavam a brincar com elas. Os jornais avisavam, Não toquem nas munições! Os médicos retiravam as amígdalas às crianças de garganta frágil que acordavam aos berros da anestesia com éter e que eram obrigadas a beber leite quase a ferver. Nos cartazes de cores deslavadas o general de Gaulle, numa imagem de meio corpo, olhava para o longe com o seu boné. Nas tardes de domingo, jogos de tabuleiro ou de cartas como os *Petits Chevaux* ou o *Mistigri*.

O frenesim que se seguiu à Libertação começava a acalmar. Dora-vante, as pessoas só pensavam em andar na rua e o mundo estava repleto de desejos por cumprir quanto antes. Tudo o que acontecia pela primeira vez depois da guerra provocava uma correria, as bananas, os bilhetes da Lotaria Nacional, o fogo de artifício. Bairros inteiros, desde a avó apoiada nas filhas até ao recém-nascido no seu carrinho, toda a gente se dirigia para a festa popular, para a procissão das velas, para o circo Bouglione onde dificilmente não seriam esmagados no meio dos empurrões. Uma multidão organizava-se rezando e cantando pela estrada fora para receber a imagem de Nossa Senhora de Bolonha e voltar na manhã seguinte a reconduzi-la ao longo de vários quilómetros. Profana ou religiosa, qualquer ocasião era boa para se juntarem na rua, como se quisessem continuar a viver em conjunto. No final da tarde de domingo os carros regressavam das praias com muita gente jovem, rapazes altos em *shorts* cantando a plenos pulmões, empoleirados nos tejadilhos. Os cães andavam em liberdade e acasalavam no meio da rua.

Mas estes tempos começavam a ser apenas a recordação dos dias dourados de que já sentíamos saudades ao ouvir na rádio *Je me souviens des beaux dimanches...* *Mais oui c'est loin c'est loin tout ça*. Desta vez, as

crianças lamentavam-se por terem atravessado essa época da Libertação quando ainda eram muito pequenas, sem praticamente a terem vivido.

Apesar de tudo, crescia-se tranquilamente, «feliz por estar vivo e ver com clareza» no meio das recomendações para não tocar em objetos desconhecidos e das queixas permanentes a propósito do racionamento, das senhas para o azeite e o açúcar, do pão de milho pesado para o estômago, do carvão que não aquecia, *Será que vai haver chocolates e doces no Natal?* Começava a levar-se para a escola uma ardósia e um porta-minas atravessando os espaços limpos de escombros, arrasados à espera da Reconstrução. Jogávamos ao lenço, ao anel, à roda a cantar *Bonjour Guillaume as-tu bien déjeuné*, à bola à parede com a *Petite bohémienne toi qui voyages partout*, calcorreávamos o pátio do recreio de braço dado a trautear *qui est-ce qui joue à cache-cache* ou *quem quer jogar às escondidas*. Apanhávamos sarna, piolhos, asfíxiados com um lenço embebido no antiparasita *Marie-Rose*. Punham-nos em fila para subir para a camioneta do Raio-X da tuberculose com alguém a tomar conta do casaco e do cachecol. Íamos pela primeira vez ao médico com risinhos de vergonha por ficarmos só em cuecas numa sala que não aquecia nem um pouco com a vulgar chama azul num prato cheio de álcool a arder na mesa ao lado da enfermeira. Em breve iríamos desfilar pelas ruas quando fosse o primeiro Dia da Mocidade vestidos de branco da cabeça aos pés ouvindo os gritos de aclamação até ao estádio onde entre o céu e a relva molhada ao som da música exaltante dos altifalantes executaríamos em conjunto a «coreografia», com uma sensação de grandeza e solidão.

Os discursos afirmavam que nós éramos os representantes do futuro.

Na polifonia ruidosa das refeições em dias de festa, antes de surgirem as brigas e as chatices de morte, chegava-nos por fragmentos, entrelaçada com a história da guerra, a outra grande história, a das nossas origens.

Surgiam homens e mulheres, por vezes sem outra designação que não fosse a do seu grau de parentesco, «pai», «avô», «bisavó», reduzidos a um traço de carácter, a uma pequena história engraçada ou trágica, a gripe espanhola, a embolia ou o coice de um cavalo que os trouxera até ali — e crianças que nunca atingiram a nossa idade, toda uma corte de rostos que nunca haveríamos de conhecer. Tomavam lugar entre nós os filhos de uma paternidade difícil de discernir durante anos até por fim conseguirmos delimitar corretamente os «dois lados» e separar aqueles que nos são alguma coisa pelo sangue dos outros que não nos são «nada».

Narrativa familiar e narrativa social são uma única. As vozes dos conviventes caracterizavam os espaços da juventude: o campo e as quintas onde, num tempo em que a memória se perdeu, os rapazes tinham sido caixeiros e as raparigas criadas, a fábrica, onde todos se vieram a encontrar, se conheceram e casaram, as pequenas lojas de comércio só alcançadas pelos mais ambiciosos. Vozes que representavam histórias sem acontecimentos pessoais, a não ser os nascimentos, casamentos e funerais, sem saídas além da viagem feita para se juntarem à Companhia do exército numa cidade distante onde se situava o quartel, existências preenchidas com o trabalho, a sua duração e usura, as ameaças da bebida. A escola era um cenário mítico, uma breve idade de ouro, cujo professor tinha sido um deus severo com a sua régua de aço para bater nos dedos.

As vozes transmitiam uma herança de pobreza e de privação anterior à guerra e aos racionamentos, mergulhando numa noite imemorial, «num outrora», a partir do qual desfiavam os prazeres e as dores, os costumes e os saberes:

habitar numa casa térrea

usar galochas

brincar com uma boneca de trapos

lavar a roupa com cinza de madeira

prender à camisa das crianças, perto do umbigo, um saquinho de tecido com dentes de alho para afastar as lombrigas

obedecer aos pais e levar uns tabefes, *imagina se lhes tivesse respondido*

Enumeravam ignorâncias, tudo o que era desconhecido e nunca existira antigamente:  
 comer carne vermelha, laranjas  
 ter segurança social, abono de família e reforma aos sessenta e cinco anos  
 ir de férias

Lembravam as suas conquistas:  
 as greves de 36, a Frente Popular, *antes, quem trabalhava não contava*

Nós, o mundo dos pequenos, outra vez sentados por causa da sobremesa, ficávamos a ouvir as histórias inconvenientes que, no remanso do final das refeições, o grupo, esquecendo os ouvidos jovens, já não evitava, eram as canções da juventude dos pais que falavam de Paris, das raparigas caídas na má vida, das atrevidas e dos vadios, *Le Grand Rouquin, L'Hirondelle du faubourg, Du gris que l'on prend dans ses doigts et qu'on roule*, romances de grande piedade e paixão aos quais a cantora, de olhos fechados, se entregava de corpo e alma e que faziam brotar lágrimas secas com a ponta do lenço. Pela nossa parte, tínhamos o direito de esperar pela reunião à mesa com a *Étoile des neiges*.

As fotografias passavam de mão em mão, escurecidas no verso sujo por todos os dedos que lhes tinham pegado noutras refeições, mistura de café e gordura fundidos numa cor indefinida. Nos casamentos importantes e de trajos a rigor, com os convidados da boda dispendo-se em várias filas ao longo da parede, não se reconhece ninguém, nem os pais. Também não éramos nós aquele que víamos no tal bebé de sexo indistinto meio despido em cima da almofada, mas um outro qualquer, uma criatura pertencente a um tempo mudo e inacessível.

No final da guerra, na mesa interminável dos dias de festa, entre risos e exclamações, *o melhor é aproveitar antes que seja tarde!*, a memória dos outros trazia-nos para o mundo.